Dia de Luta! Dias de Glória!?

Dimitri Taurino Guedes
e Milena Beatriz dos Santos Silva
[Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva - UFRN/FACISA]

É de conhecimento relativamente amplo que entre os dias 28 de abril e primeiro de maio a classe trabalhadora mundo afora aumenta seu coro em prol de condições de vida e trabalho dignas.

Essas datas representam momentos trágicos e emblemáticos de nossa trajetória, homenageando companheiros(as) que deram suas vidas por essa causa. Apesar dessas e de outras mortes e adoecimentos que têm ocorrido, continuamos na luta por dias de glória, que me parecem cada dia mais distantes diante da pandemia que enfrentamos atualmente.

Recentemente temos acompanhado a evolução da pandemia que, ao chegar ao Brasil, expõe a fragilidade da sociedade atual, mas ao mesmo tempo a importância e a força de sistemas públicos de saúde pautados em princípios e diretrizes como o SUS.

Sobre nossa sociedade atual, esse período de menor circulação humana por todo mundo tem eviscerado aquilo que a ciência e seus pesquisadores já evidenciam há tempos: o quão danoso nosso modo de vida/produção é para a Terra e, consequentemente, para nós mesmos.

Relatório da Organização das Nações Unidas - ONU em 2017 informa que 12,6 milhões pessoas morrem ao ano devido à poluição da natureza (Veja). Destas, aproximadamente a metade morre devido à poluição do ar. Se pesquisarmos no Google "poluição do ar em tempos de covid-19", aparecerão mais de 700.000 publicações sobre o tema das mais diversas fontes. Dentre elas, algumas de renomadas instituições de pesquisa que informam o quanto a poluição do ar pode estar agravando os quadros respiratórios atuais. Como dizemos aqui no Rio Grande do Norte, é muita *milacria* (coisa que não presta) que lançamos mundo afora e que nos retorna em termos de adoecimento e mortes. Ao mesmo tempo, nos deparamos com reportagens e relatórios de observatórios, destacando como os níveis de poluição têm diminuído, como outros animais têm ocupado os espaços que nós (humanos) outrora habitamos. Enfim, nosso modo de vida parece agravar o quadro que temos hoje, mas, ao mesmo tempo, com a redução na circulação de pessoas, temos águas mais límpidas, menos ruído e paisagens naturais mais nítidas. Nos parece que o maior mal à saúde que existe somos nós mesmos e nosso modo de vida atual.

Sobre os sistemas de saúde, defendemos a imprescindibilidade de sistemas de saúde que sejam públicos, universais, integrais, equânimes e, sobretudo, ofertado às pessoas sem pagamentos adicionais aos impostos já coletados pelo Estado. Acompanhando notícias dos países que não têm sistemas de saúde dentro desses princípios, podemos observar como as pessoas padecem muito mais na busca pela sobrevivência. No Brasil, cremos que uma de nossas maiores conquistas foi a inserção do artigo 196 da Constituição Federal (CF), que nos garante como direito cidadão o acesso à saúde e a obrigação do Estado em garanti-la. Infelizmente, esse artigo da CF ainda não foi devidamente implantado (assim como outras partes da CF), e nosso SUS ainda carece de muitos investimentos para ser o que almejamos (assim como outras políticas públicas). Mas, mesmo com suas dificuldades, continuamos (o SUS) sendo das melhores saídas para o enfrentamento dessa pandemia, principalmente num país permeado por tantas desigualdades.

Precisamos enfatizar aqui que um sistema demanda um conjunto de fatores e condicionantes para funcionar, mas sua essência é composta de pessoas que são e fazem o sistema, ou seja seus trabalhadores e trabalhadoras. Cotidianamente esquecidos, assim como a imensa quantidade de trabalhadores e trabalhadoras mundo afora, essas pessoas repentinamente são alçadas ao *status* de heróis e heroínas, associando a figura do(a) trabalhador(a) da saúde a algo sacerdotal, quase sagrado. Começamos a ver então um conjunto de campanhas e homenagens a essa categoria de trabalhadores(as), que, diante da pandemia, assumem o *front* para vencer a "guerra contra o vírus", criando-se uma narrativa "romanceada" dos fatos.

Outro aspecto a se considerar nesse “romance” é que ele se resume, de maneira geral, a uma parcela reduzida de atores, composta por categorias historicamente hegemônicas, desconsiderando a importância de uma equipe interprofissional que enfrente a pandemia de forma colaborativa.

Essa narrativa fortalece a imagem de alguns heróis e heroínas, esquecendo-se de outros personagens fundamentais nesse processo e desconsidera o histórico de lutas e de conquistas dos trabalhadores e trabalhadoras da saúde diante do cotidiano imposto. Essa reflexão não implica dizer que discordemos da ideia do trabalho na saúde como ato heróico, muito pelo contrário: é heróico sair de casa para enfrentar as questões de saúde sem as condições adequadas muitas vezes.

Mas, é fundamental ressaltarmos que é um trabalho e, como os demais, tiramos dele o sustento e precisamos de condições adequadas para exercê-lo. Precisamos que a equipe seja reconhecida e respeitada na sua integralidade com condições e salários adequados antes, durante e após a pandemia.

No dia 28 de abril de 2020, em que se homenageia a memória das vítimas de acidentes e doenças relacionadas ao trabalho, o Reino Unido presta 1 minuto de silêncio em homenagem aos 98 profissionais da saúde e da assistência social, que faleceram devido ao enfretamento ao covid-19. No Brasil, não sabemos nem quantos de nós já pode ter ido a óbito.

Ficam aqui duas lembranças de algum tempo e que compartilhamos agora. A primeira referente ao nosso modo de vida e seu impacto no nosso planeta. Ela vem nos moldes das campanhas do Ministério da Saúde: “O Ministério da Saúde adverte: o ser humano faz mal à saúde”.

A segunda, referente ao nosso trabalho na saúde, vem da lembrança de um amigo professor, que já não se encontra mais conosco nesse plano. Quando o chamávamos nos eventos com base em seu extenso currículo acadêmico, ele costumava dizer: "Diminua a patente e aumente o salário!"